CENÁRIOS BRASIL 2020
WORKSHOP SOBRE A QUESTÃO CULTURAL

Realizado em Brasília, a 8 de outubro de 1996,
sob os auspícios da
SECRETARIA DE ASSUNTOS ESTRATÉGICOS
da PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Palestra proferida por
Luiz Sergio Coelho de Sampaio

Informações Gerais

- *WORKSHOP* sobre a QUESTÃO CULTURAL foi o último de uma série que incluiu "outros seis" campos sociais: o político, o social (os estragos que o econômico dominante vem fazendo aos seres humanos; note-se que o social como parte própria do social constitui-se num flagrante erro de categoria!), o econômico, o ambiental (os estragos que o econômico dominante vem fazendo ao meio ambiente), o espacial (o *potlatch* do estoque de capital físico - novamente o econômico! - que pode vir substituir as guerras) e o científico-tecnológico (processo viabilizador da continuidade da acumulação de capital - como se insiste no econômico! - pelo adiamento de seu colapso algébrico).

- Além do autor da presente, foram convidados e deram presença os professores Angela Maria Dias, Gilberto de Mello Kujawski, José Miguel Wisnik, Magno Machado Dias, e Renato Janine Ribeiro. Dada a circunstancial ausência do Embaixador Ronaldo Mota Sardenberg, Secretário de Assuntos Estratégicos, o *Workshop* foi presidido com grande elegância e eficiência pelo Conselheiro Paulo Antônio Pereira Pinto.

- O presente texto é uma versão por nós corrigida e reelaborada a partir da "degravação" realizada pelo Dr. Jorge Panázio, assessor da SAE, da palestra proferida de improviso com o apoio de quatro transparências que se encontram incluídas no texto. Dentre as correções, a mais crítica - devemos confessar - refere-se à data de publicação de um texto citado de Heidegger e suas conseqüências. Ao final, encontram-se ainda as intervenções do autor, umas antes, outras após à palestra propriamente dita, todas antecedidas das respectivas manifestações que as motivaram.

A PALESTRA

Eu queria começar minha palestra procurando fazer uma conexão com o que aqui já foi dito. Entretanto, dada a enormidade de coisas que foram ditas, serei obrigado a uma escolha drástica. Existe uma que eu acho dentre todas a mais importante, que visa a questão identidade nacional *versus* modernidade.

Refiro-me, entre outras similares, à fala do Professor Wisnik, quando ele menciona a resenha que Fernando Novaes faz de *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda. Tudo está, de algum modo, ali: "ou nos modernizamos e deixamos de ser o que somos, ou nos mantemos como somos e não nos modernizamos". Um claro impasse! É justamente sobre isto que eu gostaria de tecer algumas observações, que julgo serem da maior importância.

A primeira coisa a assinalar é a insistência em se dizer que a modernidade ali mencionada constituiria para nós um paradigma. Eu queria chamar a atenção que, na minha opinião, para se entender a problemática brasileira, é preciso considerar a reiterada menção da modernidade, não como a exibição, porém, como o velamento de um paradigma; é, de fato, algo que tem a ver com paradigma, mas não com o paradigma propriamente dito, e sim com a sua ocultação. Todo mundo está de acordo em que se caminhe para a modernidade no sentido da busca do domínio do mundo científico/tecnológico. Todos concordam em que se não tivermos os meios proporcionados pela ciência e pela técnica, vamos acabar sendo dominados, ainda mais do que já somos, por outros. Daí, todo mundo querer modernizar, não há quem, nesse sentido, não o queira. O problema é quem deva ser o sujeito dessa modernização. Por exemplo, quando menciona-se o positivismo, a que se está deveras referindo? A uma visão racional da realidade? Não é essa a questão. Se está sim, ainda que inconscientemente, evitando ou ocultando a questão de quem deva ser o sujeito dessa racionalização que , entrementes, ali está posto, implícita e/ou dissimuladamente. A modernidade, para nós, tem que ser olhada não como um paradigma, mas como a questão da ocultação ou

dissimulação de um paradigma. Isso é o que vou tentar mais evidenciar a seguir.

Todo discurso manifesto sobre a modernização é a dissimulação de um discurso sobre o sujeito da modernização, ou seja, sobre quem deva ser o sujeito da ciência. É essa a questão crucial. Todo mundo é a favor da ciência: os marxistas são a favor da ciência; os integralistas foram a favor da ciência; os positivistas também o são; a "Revolução" foi a favor da ciência e o Pombal ídem (quem leu um pouquinho sobre os feitos do Marquês verifica o mesmo problema, o que foi para ele a questão da modernização de Portugal). Pombal, ex-embaixador na Inglaterra, sabe perfeitamente quem é o sujeito que demorou seiscentos anos para se constituir e lá produzir a modernidade – o sujeito liberal. Mas ele volta para casa e verifica que não pode proceder à substituição idêntica em Portugal. Ele diz que quer modernizar, e o que é que ele faz na realidade? Ele consegue mandar matar o sujeito coletivo internacional ou sujeito jesuítico, porém, não para instalar no seu lugar o sujeito liberal e, sim, um "outro" sujeito, novamente coletivo, só que agora coletivo nacional. Ele conseguiu proceder à reforma do ensino português no sentido de torná-lo mais politécnico e menos comprometido com o formalismo aristotélico-tomista; entretanto, na questão fundamental do sujeito da ciência ficou na reformulação do Colégio dos Nobres, vale dizer, na constituição do sujeito coletivo nacionalizado, o que, de certo modo, é um paradoxo: o universal que é, concomitantemente, um particular.

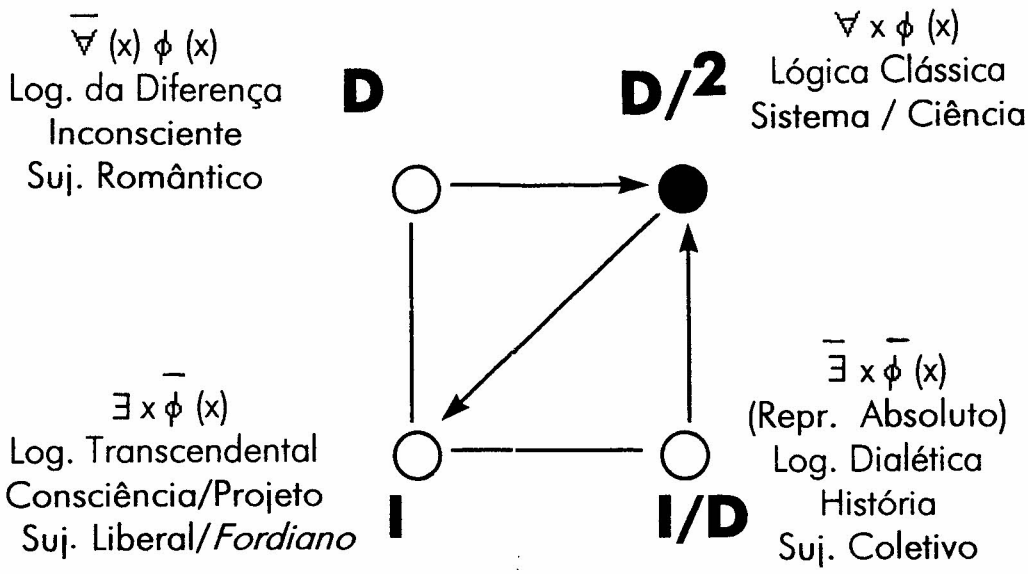
Em suma, toda esse alarido sobre modernização, todo o discurso sobre modernidade é, no fundo, um discurso de **uma opção de sujeito da ciência que se intenciona dissimular**.

Aí, vem o problema da incompatibilidade entre a formação social do Brasil, ou melhor, a formação cultural brasileira e a modernidade, já assinalada pelo Professor Magno e enfatizada pelo Professor Wisnik. Esse é verdadeiramente o grande conflito; ele está bem identificado, pelo menos em um certo nível metafórico. Mas acho que temos que aprofundar e entender melhor como se dá essa incompatibilidade, por que persiste este dilema. Vou tentar esclarecê-lo com a ajuda de um esquema [ESQUEMA I]. Ele, na verdade, é uma transposição lógica do referencial implícito de tudo que foi falado aqui; não nos assustemos pois trata-se tão só de uma mudança de registro.

Também, para facilitar o entendimento, sobrepus uma série de metáforas para que cada um possa escolher a sua. A principal delas é a propriamente lógica: I, D, I/D $D/^2$.

Lá está, como referência, em cima a direita a lógica clássica ($D/^2$), aristotélica; em oposição a ela, abaixo a esquerda, está a lógica transcendental (I), no sentido kantiano ou no sentido husserliano, como queiram. A lógica clássica ($D/^2$) todo mundo sabe o que é; lógica transcendental ou lógica da identidade (I) é a lógica do sujeito de projeto, também do **sujeito da ciência**, seja na visão criticista de Kant, seja na versão fenomenológica do Husserl. O I/D é uma síntese da identidade com a diferença; é a lógica dialética, síntese (/) da identidade (I) com a diferença (D). Há uma posição que é levemente mais difícil de identificar - por isso vou nela me deter um pouco mais - que estou chamando de lógica da diferença (D), em especial, na sua diferenciação com respeito à lógica clássica ($D/^2$); a nosso juízo, D é o único "lugar" que pode trazer alguma dúvida .

ESQUEMA I

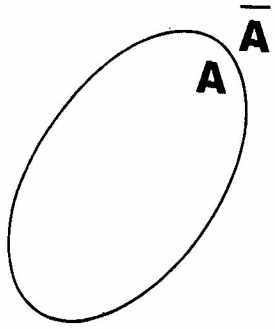


A lógica clássica ou aristotélica é aquela que pensa o mundo como sistema, como uma coisa fechada, previsível e calculável. A lógica dialética (I/D), de um lado, pensa o mundo como história, tal é o seu sentido hegeliano (para pensar a História, Hegel teve que reinventar a dialética); num sentido mais arcaico, I/D é a lógica do sentido, da idéia ou do conceito, que também têm que ser pensados dialeticamente; a idéia exige que se pense, sinteticamente, **o um** e **o múltiplo**. Por exemplo, o "conceito de cadeira" é um conceito e se aplica a uma **multiplicidade** de cadeiras. Então, pensar a idéia ou o conceito, necessariamente tem que ser realizado **dialeticamente**. Isto está lá no diálogo *Parmênides* de Platão; é algo que já tem 2 mil anos. Em suma: a lógica dialética (I/D) é a lógica que pensa a História, na acepção hegeliana e marxista, ou pensa o simbólico, velha acepção platônica.

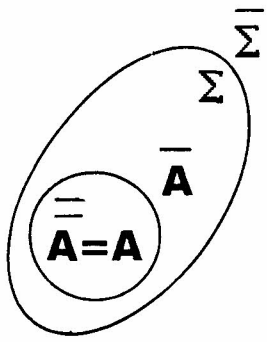
A lógica transcendental (I) é a que pensa o sujeito do sistema, ou seja, aquele que se poderia chamar de sujeito cartesiano ou sujeito kantiano, sujeito transcendental, e também sujeito liberal (tudo isso aqui para nós é a mesma coisa). O que está na lógica da diferença (D) é um pouco mais complicado: é a lógica do inconsciente, do chiste e do sonho; é, igualmente, a lógica que a lógica clássica – aquela lógica da dupla diferença ($D/^2$) – veio exatamente recalcar, ou ocultar de alguma forma (leia-se Pascal, que foi o primeiro a percebê-lo). Por isso, em vigília somos tão racionais e, dormindo, tão loucos!

Vou valer-me de um novo esquema [ESQUEMA II] que pode auxiliar no entendimento do porquê da denominação **lógica da dupla diferença** ($D/^2$) para a lógica clássica.. Quando fazemos uma discriminação, um A qualquer – as cadeiras, por exemplo –, fica definido aparentemente um não-A – o que não é cadeira, no exemplo. Só que aí não há verdadeira simetria: as designações cadeira e não-cadeira não são equivalentes; as cadeiras são bem delimitadas, o que não é cadeira, pelo contrário, é uma coisa que possui intrinsecamente uma franja de indefinição. Vejamos: cadeira, sabe-se o que é; não-cadeira, entrementes, pode surpreender-nos de duas maneiras. Pode aparecer uma não-cadeira que também é cadeira, ou seja, aparecer dentro do A alguma coisa que é não-A, vale dizer, o paradoxal, o que é e não é ao mesmo tempo; ou pode-se ser surpreendido "andando" pela "região das não-cadeiras" e encontrar alguma coisa que já não é mais não-cadeira, mas que também não volta a ser cadeira.

ESQUEMA II



DIFERENÇA - D



DUPLA DIFERENÇA - $D/^2$
Lei do Terceiro Excluído

Isso já serve para esclarecer-nos sobre a questão do paradoxo, especificamente porque todo mundo aqui colocou a questão do Brasil como sendo paradoxal, mas que ao mesmo tempo não é verdadeiramente um paradoxo, nem poderia sê-lo no sentido estrito, porque no caso existe a possibilidade do que o Professor Magno chamou de **revirão**; não haveria espaço para tanto (isto é, sair do paradoxo) se o mundo fosse superdeterminado, quer dizer, se só existissem A e não-A, e, ainda, um trepado por cima do outro. Quer dizer que se fosse um puro paradoxo caíríamos numa situação de constrangimento total. Nem a realidade poderia lá se acomodar! Se já está tudo trepado um em cima do outro, como poderia haver lugar para a liberdade do sujeito? Então, não poderia haver revirão. A possibilidade do revirão está exatamente no fato da lógica D ser de dupla face: metade dela é a do paradoxo, mas existe uma outra parte onde não vale A nem não-A. Ou seja, não se é depressivo sem ser maníaco, e não se é maníaco sem ser depressivo. Quando a situação está superdeterminada, é A e não-A ao mesmo tempo, o sujeito não tem liberdade, ele cai na depressão; ou, então, tem A, tem não-A e ainda tem uma "avenida" no meio e, aí, o sujeito cai na euforia; e ele fica oscilando de um lado para outro, assim como o Brasil. O Brasil, pelo lado do povão, não é esquizofrênico, mas sim maníaco-depressivo.

Se vocês quiserem, isso tem a ver com processo primário, isto é, com a condensação e com o deslocamento; uma coisa é o avesso da outra. Por isso que essa é a lógica do inconsciente.

Fazer ciência é transformar tudo em sistema, é preciso fazer de tudo algo completamente calculado. Ter um mundo previsível, um mundo fechado, o que não pode acontecer naquela situação de uma só diferença. Eu tenho que fazer uma primeira diferença – Σ e não-Σ – como se pode ver no ESQUEMA II – e, depois, desconsiderar não-Σ e fazer uma segunda diferença – A e não-A – lá dentro de Σ, isto é, uma diferença condicionada a Σ.

Exemplificando: eu primeiro pego esta sala e digo que ela é o meu todo Σ; nestas circunstâncias, sim, cadeira e não-cadeira são da mesma natureza. Cadeiras são cadeiras; não-cadeiras são essa caixa de som, o tapete, a mesa, luminárias etc. e vou inventariando tudo até esgotar o não-cadeira assim como pude esgotar antes as cadeiras. Tudo isso porque eu "abandonei" aquele não-Σ antes e definitivamente. Fiz um primeiro recorte e **joguei qualquer exceção fora** fazendo de Σ uma pseudo-totalidade; eu precisei, pois, de um pensamento da totalidade, de um pensamento dialético para depois dispensá-lo, preservando, como **um faz de conta**, apenas o seu **lado totalitário**.

Na passagem da lógica da diferença (D) para a da dupla diferença ($D/^2$), está oculto, porém operante, um pensamento dialético; daí advém o poder da ciência. Vejamos bem, dizemos que a ciência abarca tudo, tem esse poder totalizador, mas isso é precisamente uma prerrogativa da dialética. A lógica clássica **simula ser** o pensamento de uma totalidade. Ela não o é; ela é uma lógica analítica que herda da dialética o traço da totalização. Em suma, dizemos: seja esta sala o todo e, a partir daí, podemos fazer ciência e tudo torna-se previsível; é assim que se faz ciência. É só lembrar dos nossos tempos de escola quando o professor de física começava qualquer problema dizendo: considere-se o sistema isolado, tal e tal (o todo) ...; lembram-se!? Creio que todos ficaram bem esclarecidos sobre a diferença entre D e $D/^2$ e porque este último deve ser o nome próprio e apropriado da lógica clássica.

Estas são as quatro lógicas ou formas básicas de pensar (homólogas aos quatro verbos auxiliares em Português). Por isso, é

importante chamar a lógica clássica de lógica da dupla diferença. Vejam a importância de se dar bons nomes para as coisas. Quando se é infeliz em dar nomes, vale dizer, quando criamos problemas de significante, eles só se resolvem depois de 400 ou 500 anos; o tempo de solução dos problemas de sentido mede-se em horas, dias ou meses. Agora, quando o sujeito é infeliz no significante, em dar nome, ninguém consegue descobrir nem mesmo onde está o problema, isto porque nós precisamos do significante para pensar; de alguma forma todos nós precisamos sempre, antes, do jogo de significantes (Wittgenstein). O que eu falei aqui tem a ver com o que se chama de **princípio do terço excluído**, isto é, o princípio que estabelece que **não-não-A = A** , que é a essência da lógica clássica ($D/^2$), que está por trás da matemática, da ciência e da sistematização/informatização do mundo.

Voltando ao nosso quadrinho [ESQUEMA I] diria que vocês estão em condições de lê-lo todo. As expressões $\exists x \overline{\phi}(x)$, $\forall x \phi(x)$ etc., ou seja, as famigeradas "fórmulas quânticas da sexuação" de Lacan (*Seminário XX*), podem ser lidas do seguinte modo: x representa o que quer que seja e ϕ, a chamada função fálica, a função que representa o conjunto de todos os predicados definidos, mesmo os contraditórios como, por exemplo, vermelho, não-vermelho, e tudo que se possa dizer. Se você diz "para todo x vale ϕ de x", ou seja, $\forall x \phi(x)$, isto significa que seja qual for x eu o poderei enquadrar em uma nomenclatura. Isso é que é o pensamento científico, o pensamento governado pela lógica formal.

O que quer dizer "existe x no $\overline{\phi}$ de x ", ou seja, $\exists x \overline{\phi}(x)$? Significa que embora existam regras ou predicados que podem dar conta de muita coisa, eles falham em alguma parte; que não há um conjunto esgotável de predicados que dê conta de qualquer que seja x; enfim, que existe um x que implantou a Lei, que existe um Pai, e assim pode-se sempre encontrar um fundamento. O melhor exemplo disso já foi aqui mencionado pelo Professor Janine Ribeiro – o enterro do Doutor Tancredo Neves. Toda a "elite brasileira" quis enterrá-lo como se ele fosse o Moisés, aquele que havia guiado o povo à beira da Terra Prometida. Nestas circunstâncias, o povo nada mais tinha a fazer senão esperar sentado! O problema real e apavorante para a "elite" no poder era o Doutor Ulisses Guimarães, que representava Abraão e não Moisés, que tinha que mandar o filho para o sacrifício, ou seja, mandar o povão subir nos tanques (feito o que aconteceu na Rússia e se tentou lá

na China, como todos nós vimos na TV); e ele aí foi para casa com enxaqueca, com toda a certeza, para evitar um suposto derramamento de sangue; ou seja, na "hora H", o nosso Abraão, seja lá quem for, pisa sempre na bola. E a gente não começa nunca! – uma questão exatamente de lógica transcendental, de começo ou de projeto –, aquela idéia do projeto em que sempre rateamos, característica básica de Macunaíma tão bem focalizada pelo Professor Wisnik. A lógica transcendental é a lógica do projeto ou, se se quiser, do *cogito*, que é o correlato de um mundo geometrizado, os quais, em conjunto, definiriam logicamente a modernidade.

É uma coisa que se pode ensinar no 2° Grau; qualquer manual de filosofia diz isso: Descartes é quem inaugura a modernidade; ele é um marco filosófico para a modernidade. Por quê? Porque ele disse que o mundo objetivo era geometria, era calculável, era um sistema axiomático fechado e o sujeito disso era o *cogito*, completamente transparente a si mesmo, ou um sujeito de projeto, ou um sujeito liberal; ou, se quisermos, "o herói *fordiano*" (referência a John Ford, diretor cinematográfico). Todos os filmes americanos são a mesma coisa - uma caricatura, obviamente -, só há um filme americano: existe um sistema funcionando, aí ocorre o contingente, que pode ser a chegada da estrada de ferro, de um bando de assaltantes ou de índios, isto é, de qualquer coisa que faz degringolar o funcionamento de todo o sistema comunitário. Aí vem um sujeito isolado – **nunca é a comunidade** – e põe de novo o sistema em funcionamento. Quem viu, por exemplo, *Dançando com Lobos* facilmente percebe isso: o sujeito se rebela contra a **junta médica** – não é um médico que vai cortar a perna dele, é a junta médica que pretende fazê-lo –; é o **regimento** que tinha uma tática e ele faz outra por conta própria; é o **exército americano** contra o qual ele se rebela ao final; é uma história de insubordinações. E ganhou vários *Oscars*! E as esquerdas (no Brasil mesmo as "elites" de esquerda são burras) gostam de dizer: "fazem filmes em *Hollywood* só para nos enganar". Não! Eles fazem filme para reiterar o que são; depois mandam para cá e não correm o menor perigo de que os imitemos porque nós não conseguimos ver o filme, ou seja, nós vemos outro filme, não como cultura, mas como entretenimento . Aquele é um filme do mesmo e eterno herói *fordiano*. Depois que ele arruma tudo, ele sai pela estrada, a cavalo ou de carro; sempre é o mesmo filme! Vejam só: o

sistema judiciário americano funciona bem. Mas, por uma contingência, alguém vai ser condenado injustamente (essa então é uma fórmula que se aplica a milhares de filmes americanos), e aí aparece um jornalista, um rábula, um tira que resolve por sua própria conta reexaminar o processo até reparar a injustiça, agindo contra todos enquanto a comunidade, seja lá o tribunal local , seja a Corte Suprema. Sempre o mesmo filme! Isto é cultura, que eles têm uma, e nós, uma multiplicidade em processo, pois estamos ainda a inventar uma nova. Eles, em contraposição, estão apenas "horizontalizando" ou globalizando aquela criada pelo Velho Mundo.

Isso que foi desvelar e instalar o sujeito da ciência, o sujeito liberal, demorou 600 anos (conforme o Professor Wisnik já colocou). E isso ajuda a entender como nasceu a modernidade. O começo $D/^2$ está na tradução do grego e do árabe para o latim das obras de Aristóteles, o que ocorreu mais ou menos pelo ano 1000 d.C.. Aristóteles é o pai do $D/^2$. Tem a ver, também, com Abelardo. Uns põem Abelardo como início; outros colocam São Thomás de Aquino, que re-escreve toda a teologia católica, trocando o trinitário (I/D) – platônico augustiniano – pela lógica do sistema, que é a lógica aristotélica ($D/^2$). Tudo começa no ano 1000 ou 1100 ou 1250 (vocês podem escolher); é a própria Igreja que adota o sistema; ela que era trinitária passa a sistematizar, a querer congelar o poder espiritual e temporal que detinha. Por isso, passa de I/D para $D/^2$. Mas aquela lógica $D/^2$, a lógica do sistema, é a lógica mortal, a lógica funerária; a única coisa que é um sistema perfeito - um quadrado com uma porção de quadrados dentro - é o cemitério, completamente calculável, **enquadrando-se** perfeitamente dentro dessa lógica. Então, não se pode ter uma cultura viva que seja puramente científica; isso é uma impossibilidade, porque seria sacralizar a ciência. Quem vai em Westminster vê o túmulo de Newton; é impressionante, o túmulo de um físico no meio da igreja; é algo para parar e ficar ali uma meia hora só olhando, vendo, posto em pedra mármore, o valor da ciência para a Inglaterra de 1600. A tendência era sacralizar Newton; felizmente, para eles, fora da Igreja o pessoal não foi nessa.

O sistema não pode fazer outro sistema. Quando se faz um sistema de folha de pagamento, uma álgebra axiomatizada, um organograma, um sistema informatizado, não dá para ele próprio gerar

outra coisa ainda que similar. Uma álgebra não gera outra álgebra. É necessário "um sujeito no meio" que é o sujeito *fordiano*, o sujeito intervalar, entre dois sistemas. O que se pode sacralizar é a cultura da sistematicidade, da cientificidade; mas seria simplesmente impossível sacralizar o sistema ou a ciência.

E isso – a consolidação da modernidade, não pela só adoção da cientificidade, mas pela descoberta do sujeito que lhe é próprio – foram os protestantes que o fizeram. Embora Portugal, Espanha etc. tivessem começado a modernidade com $D/^2$, ou com a lógica clássica, ou com a burocratização do mundo, não continuaram na vanguarda porque não tinham o sujeito próprio, o sujeito anglo-saxão, sujeito de projeto. Ou melhor, tinham-no até bastante, mas os expulsaram!

Richard Morse – um velho brasilianista americano –, em seu livro *O Espelho de Próspero*, usa uma fórmula, a mais compacta possível, para caracterizar a modernidade anglo-saxônica: **ciência e consciência**. Com três palavras ele matou a charada. É a mesma coisa que mundo geometrizado calculável tendo como sujeito assujeitado ou tributário o *cogito*. Está claro o que é modernidade? Quanto ao $D/^2$, todos estão de acordo. O problema é quem vai ser o sujeito de $D/^2$, ou seja, **a ciência vai ser feita para quem, por quem e em proveito de quem?** Para o paradigma anglo-saxão, todos os cientistas estão a serviço da reprodução da sistematicidade; eles têm liberdade, há uma liberdade de fato, precisamente aquela de um sujeito *fordiano*, para que a sistematicidade prevaleça. É a loucura em que nós estamos metidos; é só olhar o mundo hoje: vivemos só para reproduzir um mecanismo completamente cego, destituído de qualquer finalidade, fazendo com que a morte deixe de ser um episódio para transformar-se num todo sistêmico, um mundo sem história; congelar a história é exatamente a mesma coisa que querer apreciar ou vivenciar a sua própria morte. Uma impossibilidade já apontada pelo Professor Magno: "o haver há, ..." não significa outra coisa.

O mais interessante é que esta questão se põe logo no início da modernidade, e se coloca exatamente em duas alternativas básicas. A cúpula da Igreja não queria discutir sujeito nenhum, porém, depois que o protestantismo colocou a solução do sujeito calvinista, ela

teve que dar uma resposta. Então, a Igreja deixou emergir o jesuitismo, que faz uma contra-proposta (contra-reforma): no lugar do sujeito calvinista (I) colocar-se-ia um sujeito coletivo (I/D). Podem fazer qualquer reunião em Brasília, sobre qualquer assunto, por exemplo, sobre tecnologia: tem o pessoal da "esquerda" que defende a posição de que se dê o dinheiro para desenvolver tecnologia com a finalidade de resolver os problemas do povão. E, aí, as pessoas que se formaram nos Estados Unidos retrucam: "o cara que apresentar o melhor projeto é aquele que tem que levar o dinheiro". Já viram essa discussão?! É sempre ela! Nós temos uma enorme dificuldade em aceitar aquele sujeito individualista, o sujeito liberal ou *fordiano*.

A proposta jesuítica é a de um **sujeito coletivo** que, exatamente por tal, precisa ser representado por um **sujeito emblemático absoluto**: é a proposta **ciência e absolutismo**. É incrível a carga que o Marquês de Pombal e os espanhóis fazem sobre a Ordem dos Jesuítas; pressionam um Papa, que acaba louco; pressionam o seguinte, que sobe no muro e passa três anos tentando contemporizar; e eles o apertam até que a Ordem é "dissolvida". A Catarina da Rússia os recebe na Polônia e ameaça o Papa: "se acabarem com os jesuítas, eu vou "ortodoxar" a Polônia". A Polônia ficou católico-romana exatamente porque o Papa deu para trás, isto é, ele fez de conta que acabou com a Ordem dos Jesuítas; entrementes, uma boa leva deles foi para a Rússia, a Rússia que, no caso, era uma parte da Polônia ocupada. Com que finalidade? Para fazer uma reforma educacional na Rússia, uma reforma "modernizante" no sentido dos Tzares: ciência sim, mas com um sujeito coletivo absoluto representado pelo próprio Tzar! O mesmo que os jesuítas queriam! É um absurdo dizer que a Igreja era contra a ciência, pois os jesuítas, desde o fundador, Santo Inácio, foram se formar na Sorbonne; todo jesuíta é formado em alguma coisa de cunho acadêmico, inclusive científico; o problema deles não é o de ser contra a ciência. Quem leu o livro do Pietro Redondi, *Galileu Herético*, verifica claramente que o problema de Galileu não é com a Igreja e, sim, com os jesuítas. Ele, no fundo, foi acusado - não é o que diz Redondo, mas do texto facilmente se depreende - de querer aparecer, de ser ***vedete***, aquele que queria fazer ciência e ele próprio "faturar". E, para o jesuíta, a ciência é feita coletivamente, em benefício da coletividade.

Ficou desde então este tipo de "alternativa"; o que se está chamando hoje de capitalismo confucionista ou capitalismo oriental é disso uma variante; é ciência $D/^2$ com sujeito I/D, com sujeito coletivo representado pelo Imperador, no caso do Japão; pelo Secretário Geral do Partido Comunista Chinês, no continente; pelo patriarca da "família alargada" na diáspora chinesa. Por isto que, quando se vai falar com japoneses, vêm muitos deles e trocam idéias, até produzir o sujeito I/D; depois um apenas fala; não existe um japonês como existe um americano, isso não passa pela cabeça dos primeiros.

O que há aí de importante que precisa ser visto? A maioria das pessoas de esquerda no Brasil, acha isso bom, todos nós metidos a intelectuais achamos isso também, só que não é possível esta solução, isto é, optar pelo sujeito coletico e fazê-lo determinante, e não, tributário ou intervalar assujeitado. Tudo, por uma simples razão: a lógica $D/^2$ pressupõe e subsume a dialética; ela é mais poderosa do que a dialética. Então, não se pode inverter aquela seta que no capitalismo anglo-saxão ou paradigmático vai do sistema para o sujeito, que faz do último sujeito tributário do primeiro [ESQUEMA I]. O capitalismo não tem esse problema, pois o I, o indivíduo do projeto, está a serviço do sistema, já estando pervertido não vai perverter nunca. Mas quando você põe o $D/^2$ com I/D, você sub-repticiamente também inverte a seta, você pretende que o I/D (a comunidade ou o ser-social) vá se servir da ciência $D/^2$ para preservar o sujeito coletivo I/D. Isto é a grande ilusão de todas as esquerdas. Onde é que não vai dar certo, onde vai perverter? Aquela seta vai se inverter e vai-se ver uma burocracia usando uma ideologia para dominar a massa; é a lógica do $D/^2$ que prevalece; é o exemplo da Rússia. O Japão vai para o mesmo lugar; ele só está resistindo um pouco mais porque tem o I/D forte; ele usa a ciência, mas já está acabando com o respeito aos velhos, o empresário samurai, a estabilidade do emprego etc. e vai, assim, para o brejo. Quem está apostando a longo prazo no Japão ou na China está perdendo seu tempo; eles são formas degeneradas de capitalismo, o capitalismo confucionista, como se diz. Não se deve copiar japonês, muito menos chinês, porque isso é uma coisa que mais cedo ou mais tarde irá perverter. E é uma coisa que vai se deteriorar por si mesmo. É o caso da Rússia, que começou de um jeito, como se fosse a ciência a serviço do coletivo. Basta lembrar a expressão socialismo científico: socialismo é o

sujeito, como ser coletivo (I/D), e científico é o mundo objetivo ($D/^2$) . Precisa explicar mais?!

Todo mundo que fala a favor do capitalismo diz que ele é $D/^2$, que é a racionalização do mundo, ou então diz que ele é o sujeito I; ou seja, diz que ele é o capitalismo *schumpeteriano*; é o projeto; é o empresário. O capitalismo compreende os dois, é a afirmação daquelas lógicas na diagonal I e $D/^2$ [ESQUEMA I]. As outras duas lógicas, I/D e D, são os possíveis lugares de crítica, por serem justamente aquilo que o capitalismo está desconsiderando, está desnaturando, está recalcando. O que ele faz em relação à História? Está fazendo da História uma coisa calculável. Entremos numa empresa qualquer: a primeira coisa que se irá constatar é a pré-ocupação com o cálculo da taxa de retorno do capital. Maior evidência não existe! Não é isso que a empresa faz? Calcular o futuro – isso está no próprio documento que a SAE elaborou – é a disposição clara de sufocar a História; no fundo, chegar a uma História calculável e não a uma "história eventual", em que haja evento, que possa trazer o novo. Isso é uma tentativa que é uma impossibilidade; a História irá acabar de alguma forma irrompendo. Sozinho, entretanto, I/D não é o lugar de uma solução; é apenas um lugar de crítica. Marx é importante para criticar o capitalismo, mas não para fazer um sistema alternativo, baseado num sujeito I/D; ele é fundamental porque descobriu um lugar de onde se poderia criticar o sistema capitalista, de onde se podia fazer um discurso crítico sobre o capitalismo; entretanto, jamais criar um sistema alternativo ao capitalismo. Hoje, isto já está bem provado.

Existe uma outra alternativa que é o sujeito romântico, ou o sujeito inconsciente, ou o sujeito telúrico, ou o sujeito poético, coisas já referidas aqui pelo Professor Kujawski. Agora, leiamos o trecho, abaixo, da "Introdução à Metafísica", de Heidegger:

> *Essa Europa, numa cegueira incurável sempre a ponto de apunhalar-se a si mesma, se encontra hoje entre dois grandes tenazes, com a Rússia (sujeito I/D) de um lado e a América (sujeito I) de outro. Rússia e América,* ***consideradas metafisicamente,*** *são ambas a mesma coisa: a mesma fúria sem consolo da técnica desenfreada e da organização sem fundamento do homem normal. Quando o mais afastado rincão do globo tiver sido conquistado*

tecnicamente e explorado economicamente; quando qualquer acontecimento em qualquer lugar e a qualquer tempo se tiver tornando acessível com qualquer rapidez; quando ***um atentado a um Rei na França*** *e* ***um concerto sinfônico em Tóquio*** *puder ser 'vivido' simultaneamente; quando tempo significar apenas rapidez, instantaneidade e simultaneidade e* ***o tempo, como História, houver desaparecido da existência de todos os povos****; quando o* ***pugilista*** *valer, como o* ***grande homem de um povo****; quando as cifras em milhões dos comícios de massa (audiências de debates eleitorais na TV) forem um triunfo, — então, justamente então continua ainda a atravessar toda essa assombração, como um fantasma, a pergunta: para que? para onde?* ***e o que agora?*** (Negritos e parênteses por conta do palestrante)

A data de efetiva publicação é 1953, porém, trata-se, como adverte expressamente o próprio Heidegger, de uma elaboração de preleção proferida sob o mesmo título, na Universidade de Friburgo, no semestre de verão de 1935. Ele nos alerta, ainda, que os acréscimos feitos em datas posteriores à da preleção estarão entre colchetes, e este não é o caso da citação acima. Assim, para efeito de nossos comentários deve-se tomar como referência o ano da preleção, 1935, aliás, a nosso juízo, a ele bem mais favorável do ponto de vista ético.

Heidegger desenha com boa antecipação um fiel retrato do que viria ser nossa época. Deixou, entretanto, de ver duas coisas fundamentais:

a) a degenerescência e a derrota do fascismo. Não o viu pela simples razão de que seu ponto de vista, ali, está **justamente em D**. Com o nosso ESQUEMA I, nós poderíamos inferir mais do que ele inferiu: seu comprometimento "lógico" ou metafísico a ele;

b) a derrota da "tenaz" russa (sujeito I/D) no confronto posterior (Guerra-Fria) com a "tenaz" americana (sujeito I). Isto nós poderíamos também facilmente prever com base na nossa figura [ESQUEMA I], vale dizer, a necessária

perversão da sociedade sob o lema paradoxal do socialismo-num-só-país.

De qualquer modo é incrível o poder percuciente heideggeriano , e o segredo de tudo está na expressão **consideradas metafisicamente**, que quer dizer, no fundo, **logicamente consideradas**, mas no sentido lógico implícito na nossoa figurinha de referência.

Heidegger conseguiu enxergar uma enormidade, mas não conseguiu fugir da lógica da situação na qual estava inscrito e, por isso, cometeu erros políticos tão graves. Como pode ele afirmar que a Alemanha não tem nada a ver com a ciência nem com a técnica? (Parece uma insensibilidade muito grande.) Ela tem a ver com poesia, sim, mas também com a técnica. A educação alemã já dava a melhor formação tecnológica e científica, como o faz até hoje, coisa que ele não quis ver. Então ele apostou naquele sujeito romântico D, como um sujeito que iria dominar o $D/^2$ e talvez isso deva fazer parte da explicação de sua tão rápida saída da Reitoria da Universidade de Friburgo com que fora agraciado pelo Partido Nazista. Ele teria percebido em menos de um ano que $D/^2$ iria tomar conta do D?

Aí ele foi escrever livros, entre outros, livros sobre Nietzsche (um dos grandes filósofos de D), talvez porque tivesse já percebido que o "fascismo real" iria dar inexoravelmente, isto é, logicamente, com os burros n'água. Agora, fica também evidente o porquê do fascismo constituir uma coisa que ninguém explica, melhor dizendo, que a ninguém no poder político ou intelectuasl atualmente interessa explicar. Tudo teria sido o mero produto de um louco no poder! Fazemos estas reflexões para mostrar que não dá para constituir duravelmente o ser-romântico como sujeito da ciência.

A Alemanha tem uma elite - diferentemente da nossa, é óbvio - que sabe que a cultura é importante; foi por isso que o povo respondeu **por antecipação** ao **consumismo**, como ficou mais do que evidente no texto de Heidegger. O fascismo é uma alternativa, melhor dito, uma pseudo alternativa para a modernidade, com o **sujeito romântico** (D) no lugar do **sujeito liberal** (I). Foi precisamente por isto que ele apareceu tardiamente em relação ao

socialismo,vale dizer, justo quando o capitalismo começava a deixar de ser **produtivista** para tornar-se essencialmente **consumista** (ver J. Baudrillard). Lá começou-se a sentir, antes do que em qualquer outro lugar, o capitalismo como um agressor da cultura. Vê-se agora uma simetria temporal perfeita: **o marxismo é uma resposta retardada ao cálculo da História**, ou seja, à **acumulação pré-calculada do capital**; e o fascismo é uma resposta **antecipada** ao **consumismo**, ou **capitalismo de *marketing***. Por isso, o comunismo não tem mais futuro, mas o mesmo não se pode seguramente afirmar do fascismo!

O Professor Magno nos disse que a globalização nos levará à salvação ou à barbárie; eu estou dizendo que vai levar sim à última, porque agora são as culturas que estão sendo agredidas. Antigamente você montava uma fábrica num lugar qualquer e desorganizava a vida de um povo de qualquer cultura outra que a Ocidental, mas você não ia lá para aniquilar deliberadamente a cultura local. Hoje não, você primeiro precisa botar a mão nos meios de comunicação para se apropriar das mentes, ou seja, proceder à **domesticação do inconsciente da população pelo *marketing***. É só ver a Rússia pós-comunismo; a primeira coisa não foi comprar tecnologia agrícola, foi deixar que entrasse o *McDonald's*. Na China, a mesma coisa. Se o país está atrasado tecnologicamente, isto é, não sabe produzir trigo, não sabe fazer geladeira, trator, avião etc., o que se poderia esperar é que providenciasse a importação de tecnologia para tanto e não o *McDonald's* e empresas de *marketing*. Então, o que tem que se esperar daqui para frente, é a reação exatamente fundamentalista desses povos, em particular daqueles que jogam na identidade. Então, essa questão de fundamentalismo não é uma questão genérica ou acidental; ela é a resposta dos povos que estão sendo ameaçados culturalmente e que prezam o Deus único, a identidade, o que, aliás, diga-se de passagem, não é assim tão perigoso como tentam fazer crer. Porém, quando emergir o **fundamentalismo trinitário**, de que a Teologia da Libertação foi uma tentativa abortada por se ter degenerado em jesuitismo, então o perigo para a modernidade capitalista será real.

É só abrir o jornal: o pessoal está falando em globalização e há guerras culturais em todo o mundo. Me digam uma guerra que seja essencialmente econômica: no Oriente médio, é econômica? Na Irlanda, é econômica? Lá houve, recentemente, um quebra-pau danado porque

fizeram uma passeata por conta de uma vitória que os protestantes tiveram por volta de 1600. Assim é no Sri Lanka, no Timor Leste, na Espanha com os bascos, na Tchetchênia, na Cachimira, no México com os Chiapas e, certamente, nos próximos anos, no Peru; e vai dar o maior bolo quando isso ocorrer ali na região da Prússia, quando os prussianos começarem a dizer que eles são germânicos. Quando os alemães não aceitarem mais que se faça de Kant um filósofo polonês! As perspectivas de guerras culturais, da barbárie como o Professor Magno está dizendo, são muito grandes; uma questão que deve ser levada na devida conta.

Há aqui muitas dicas para o planejamento estratégico. Em primeiro lugar, não pensar só no econômico, **pensar no cultural**. O cultural é o mais importante dos determinantes sociais a longo prazo, embora persista uma indeterminação quanto ao seu exato momento. A queda do muro de Berlim é um belo exemplo. Quantas vezes ouço dizer que era imprevisível. Ora, nunca existiu o muro de Berlim (por isto sua queda é exaustivamente alardeada exatamente para sugestionar-nos de que um inexorávelmente transformador **ocorreu**, que, na verdade, nem mesmo existiu)! Se um lado era comunista e o outro capitalista, isto era completamente irrelevante. O muro caiu sem que se fizesse nada porque ele jamais existira culturalmente. Bastava tocar e ouvir Beethoven e ler Hölderlin de um lado e do outro e o muro se dissolveria. Há mais de vinte anos que dizemos isto: não existia tal muro. O muro estava, por exemplo, na Iugoslávia; o muro estava na Tchecoeslováquia, e as perspectivas de conflito continuam onde o muro é cultural. Temos aí a questão da nação: ela tem uma base cultural que está sendo ameaçada pela globalização. Isto é um assunto importante e o filósofo pragmatista americano hoje mais prestigiado, Richard Rorty, em artgo a nós distribuído pela propria SAE, a aponta como o tema filosófico mais importante do início do próximo século.

Um país é um jogo, uma dialética entre uma **área de soberania política** e uma **área cultural mais ou menos homogênea** (o econômico funciona como a mortadela do sanduíche); isso é o importante. Por exemplo, tome-se a Alemanha: cronicamente, é uma área de soberania menor do que uma área cultural; isto gera um tipo de problema cuja resposta "natural" é invadir. A Rússia é um problema contrário: é historicamente uma área de soberania política maior do que a área de homogeneidade cultural; logo, um grave

problema de estabilidade interna. É só dar tempo que ela, Rússia, vai se enrolar; e foi só propor a "guerra nas estrelas" para que tal acontecesse. Não foi por causa da técnica em si, mas porque tal esforço iria fazer aflorar o problema da sua heterogeneidade cultural.

Por que os Estado Unidos são fortes? Porque eles tem um esquema de impor uma cultura; manda logo o filho do mexicano para o Vietnã; aí o pai tem que se virar. Ou ele é burro – de ter ido para os Estados Unidos lavar pratos e ganhar alguns dólares e o filho dele ir e voltar num saco plástico do Vietnã – ou vira patriota. É uma caricatura obviamente exagerada, mas muito verdadeira. Ou seja, os Estados Unidos têm um esquema que faz virar americano qualquer um: argentino, polonês, espanhol, italiano e, talvez um dia, quem sabe, também africanos negros e judeus, o que é o mais difícil de se conseguir. Agora vamos abordar, para completar, o problema do Brasil.

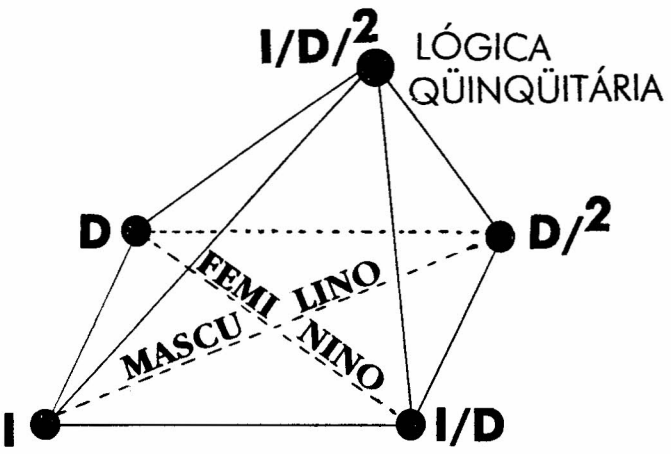
A gente tem uma formação ibérica forte, mas na parte educacional sempre houve um preponderância do ibérico-jesuítico. A tendência da elite brasileira – embora não dê para generalizar tanto – é I/D. O sujeito aqui tem vergonha de ter lucro. Ele pode ficar rico, mas sempre com a consciência culpada, porque ele tem uma cabeça jesuítica. Se fraqueja com a idade, não faz uma grande doação benemerente como nos EUA, mas simplesmente cambia para sujeito libdinal (D)! E o povão, principalmente onde pesa mais a cultura africana, puxa para o lado do sujeito libidinal (uma forma arcaica de D, da mesma família da lógica da Alemanha nazista). Ou seja, vamos trabalhar, mas para a gente depois gozar, fazer um carnaval; é de uma lógica carioca perfeita, porque lá a influência africana negra pesa bastante (dizer que o brasileiro, e em particular o carioca é vagabundo é uma grande idiotice; não adianta só parar de dizê-lo, é preciso, sim, parar também de pensá-lo). O cara trabalha; trabalha duro para tomar sossegadamente a sua cerveja. Não é feito o paulista, o de hoje, que por força da imigração, que a "elite" tanto estimulou para embranquecer-nos, já tende um pouco mais para o sujeito liberal (Getúlio representa talvez o único membro da elite brasileira na Chefia de Govêrno que resolveu assumir como povo governado quem aqui estava, por isso deu maior importância à educação,à saúde e às leis de proteção ao trabalho do que às exportações e ao pagamento de juros). O espírito

bandeirante-mameluco **é hoje** apenas um punhado empoeirado de placas de nome de estradas!

Por que não se consegue modernizar o Brasil? Porque a elite puxa para o sujeito coletivo (I/D) e o povão puxa para o sujeito libidinal (D), e ninguém quer saber do projeto (I) – que o Professor Wisnik tanto enfatizou –, aquele lugar ninguém quer. Então, é uma dificuldade modernizar o Brasil. Todo mundo quer modernizar, mas não quer botar o I no seu devido lugar. O único jeito de modernizar o Brasil é acabar com a elite – é o que a esquerda diz: a elite no Brasil é uma droga, é uma porcaria, tem que se jogar fora. Outros dizem que com esse povinho não dá; não dá mesmo para entrar para a modernidade. Não se aproveita nada – é o que o Roberto Campos fala: tem que importar anglo-saxões para cá. Há um seu artigo, incrível, no qual afirma que **o índio é preguiçoso, o negro só quer saber de magia e o português é patrimonialista**; com isso, vale dizer toda nossa herança histórico-cultural, não dá para fazer nada , no juízo (ou ausência de juízo) dele. Não dá! Entrementes, o Brasil está sendo feito, embora a gente não queira ver. Não dá para fazer é modernidade, a gente não tem as pré-condições para a modernidade. E isto não é o fim da História. Boa parte de nossa elite político-empresarial está investindo no fim da História para quê? Para ocultar uma alternativa que é a síntese por vir. Há, pelo menos, ainda, um nível de desenvolvimento cultural que seria o de uma cultura qüinqüitária, onde a gente deveria apostar. Vale dizer, para nós não tem saída a esquerda e não tem saída a direita; e também não adianta insistir em modernizar. Só tem uma coisa para a qual nós temos vocação: é a saída pela síntese, porque nós temos todos os componentes de base para isto. Vejamos o [ESQUEMA III].

Nele observamos o **masculino (I com $D/^2$)** , vale dizer, os que têm aquele projeto de geometrizar o mundo, de calculá-lo, e o feminino (D com I/D), as que querem manter, pela maternidade, a continuidade histórica do mundo; elas são dialéticas e paradoxais/intuicionistas.

ESQUEMA III



A ascensão do feminino é fundamental para a criação daquela síntese que está no vértice da pirâmide. Em suma, o Brasil não é um bom candidato ao luxo, ele o é deveras à originalidade. Entrar para o chamado primeiro mundo é ser candidato a luxo. Aí ocorrem mil dificuldades, e não se consegue nem mesmo assumir aquilo que nós já somos. Eu não digo que o Brasil está pronto, está quase. Fazer uma Cultura demora 600 anos, como foi dito aqui. Como nós temos 500, faltam apenas 100! Apesar da cegueira das nossas elites políticas, militares, empresariais e intelectuais - e por que isentarmo-nos e mesmo o povão?! - nós chegaremos lá!

INTERVENÇÕES E SUAS RESPECTIVAS MOTIVAÇÕES

POSTERIORES À PALESTRA

Conselheiro PAULO ANTÔNIO PEREIRA PINTO – Quero agradecer as palavras do Professor Sampaio, que, acho, nos alerta, no nosso esforço de formulação de cenários, para a necessidade de bem identificarmos os principais atores da sociedade. Podemos, agora, passar para a fase seguinte do *Workshop* em que, segundo o roteiro sugerido, aqueles que fizerem exposição pela manhã tecerão breves comentários a

respeito do que foi dito hoje à tarde. Eu pediria ao Professor Magno que procedesse aos seus comentários.

Professor MAGNO MACHADO DIAS – Eu vou começar pelo Professor Sampaio, que está mais recente. De vez em quando o Professor Sampaio arma uma formalização e eu fico batendo o pé que não, não e não. Aí, ele vai para casa e pensa tudo de novo e me traz de presente uma solução. Esse é o nosso diálogo há anos, e, ontem, eu comecei a implicar de novo com ele.

Todo comentário que o Professor Sampaio tece em torno da cultura é sempre bastante válido. Eu só fico impressionado, e por isso a gente precisa um dia chegar a um acordo, é o que eu estava dizendo a ele hoje de manhã, nós precisamos produzir um acordo e que ele saiba formalizar melhor do que eu. É um pequeno detalhe que fica entre a construção que eu apresentei para vocês , que não parece ter nada a ver com isso, porque eu não mostrei desse modo – mas tem tudo a ver –, e essa construção que o Sampaio apresenta [ESQUEMA III]. Eu não estou comentando os comentários do Professor Sampaio à cultura, eu estou comentando a formalização, porque cria um problema sério para mim, pelo menos. O que o Professor Sampaio escreveu ali, aquelas formulinhas, são as chamadas "fórmulas quânticas da sexuação", do meu mestre Jacques Lacan, e essas formulas, na escrita lacaniana, só conseguem funcionar aos pares, não há como uma fórmula de existência funcionar em disjunção de uma fórmula de totalidade. Está escrito aqui, por exemplo: "não existe nenhum que diga não à função fálica"; isso remete imediatamente a "não toda função fálica", no sentido lacaniano.

"Existe pelo menos um que diz não" – é aquilo que eu chamei, hoje de manhã, de proibição, em lugar do impossível – remete imediatamente a "todos que podem constituir uma unidade". (Esta questão eu vou deixar em aberto para depois a gente continuar discutindo.) Não vejo como eu possa estabelecer lógicas em disjunção entre a existência e a totalidade. Acontece que o Professor Sampaio tem razão. Lacan escreve dois pares de formulas que ele chama masculino e feminino. E nós ficamos assim perplexos como ele, que chegou no final e ficou se perguntando cadê o terceiro sexo, cadê o terceiro sexo? No final, Lacan estava assim. Porque na lógica da sexualidade não adianta pensar na anatomia, porque ela não funciona, e na lógica da

constituição das possibilidades culturais – aquelas que eu coloquei hoje como o tanático, o maneirista, o clássico e o barroco, em termos de estilo – eu preciso de quatro pares, é aí que nós vamos ter que chegar, ou não, a um acordo. Eu estou implicando para ele (Professor Sampaio) me dar esse presente de novo. Eu escrevo em quatro pares, nós só precisamos ajustar, porque eu não consigo entender como é que eu posso inferir a estilística ou a lógica etc. de um lado só de existência, de um lado só de totalidade, mas aí você (Sampaio) se vira para me dar esse presente.

SAMPAIO – Eu acho que você [Professor Magno] situa-se bem no cerne da questão, e acho que você já deu a solução. Você colocou o maneirismo lá em cima. Você disse claramente: tem o masculino e o feminino, o clássico e o barroco, e ainda o maneiro; este último não estando no mesmo plano dos primeiros, mas acima. Não foi justamente o que eu mostrei na figurinha [ESQUEMA III]?!

Professor MAGNO MACHADO DIAS – .....

A segunda questão que eu colocaria para o Professor Janine seria sobre o esporte na cultura: nós deveríamos pesquisar quando ele é autoritário e quando ele é emancipador. Eu só queria chamar atenção para o fato de que, clinicamente, esporte, arte, religião, qualquer tipo de atividade cultural é indiferenciadamente autoritária ou emancipadora; depende como se joga. Então quer me parecer melhor nós sabermos quando uma atividade está hiperdeterminada, ou seja, quando ela não está produzindo o que o Professor Sampaio, agora há pouco, chamou de "fazer a história calculada", mas está invocando o acontecimento, invocando o evento. É claro que no nível mais baixo da nossa atividade, nós chegamos, dentro de um horizonte, a calcular os resultados de uma ação artística, poética, filosófica, religiosa etc. etc. Mas há nessa brincadeira brasileira, que ficou claro na relação com o futebol (Garrincha etc.), essa vocação para não se interessar tanto pelos resultados quanto (não estou dizendo que não se interessa, mas não se interessa tanto) pelo processo de brincar que invoca a possibilidade de um acontecimento, invoca a possibilidade do novo.

Eu quero apostar com o Sampaio de que o Brasil tem que ser candidato a prêmio de originalidade, porque de luxo vai ser difícil.

Enquanto nós tentarmos o prêmio de fantasia luxuosa, vai ficar ruim; tem que ser fantasia de originalidade. São só esses pequenos comentários que eu gostaria de fazer. Muito obrigado.

SAMPAIO – Falo agora da minha recente experiência na EMBRATEL, na gestão do Ministro RENATO ARCHER, quando nós conseguimos, em um ano e meio, multiplicar por cinco o nível de atividade da área de desenvolvimento de recursos humanos. Muita gente faz planos e programas de qualidade total para obter melhorias de 1 a 3% e, não raro, para acabar ficando no mesmo ou até retroceder. Nós conseguimos aumentar de 5 vezes, aumentar 500%, em um ano e meio, uma atividade de uma empresa grande; não se tratava de um botequim. A maneira de fazer isso foi dizer: "vamos fazer tal e tal coisa **só de molecagem** com a multinacional X". É exatamente isso: eu assim mobilizo todo mundo. Entretanto, sempre alguém pondera: mas é preciso fazer o "feijão com arroz"; aí eu pego 3, 4 ou sei lá quantos funcionários - o mínimo necessário - e explico detalhada e atenciosamente: "nós temos uma coisa muito importante a fazer, que é tal e tal, e nós precisamos de vocês para segurar a bola aí atrás"; e aí não erram em contabilidade, em fazer folha de pagamento, balanços, e todo o trivial sai sempre mais do que a contento. O balanço da EMBRATEL nos idos de setenta saía junto com o do BRADESCO, que sempre foi campeão nisso. A EMBRATEL tirava balancete no dia 3 fechado o mês e o balanço entre 6 e 10 findo o ano. Cansou de fazer isso, embora autoridades superiores às vezes nos proibissem de publicá-los tempestivamente. A maneira de colocar as coisas no Brasil é exatamente esta: **de molecagem**, isto é, não podemos levar a sério isto de entrar na competição mundial **em direção, acelerada, ao nada ou à morte**; eu, pelo menos, me sentiria muito burro fazendo um negócio destes, pelo menos, muito sem imaginação!

Professora ÂNGELA MARIA DIAS –.....

E quando o Professor Janine falou na possibilidade de uma utopia, ele acabou por se referir muito a uma utopia em nível mais pessoal – a utopia do trabalho para aperfeiçoamento pessoal ou como aperfeiçoamento pessoal ao invés daquele trabalho socialmente necessário, do trabalho produtivo. Talvez seja essa a utopia possível, embora uma utopia muito difícil, se nós pensarmos o Brasil, com o desemprego estrutural que a gente já anda herdando e, enfim, a falta de

qualificação de grande parte da população. A pergunta que eu faço é mesmo esta: levando-se em consideração a temporalidade estratégica bem sucedida desses três momentos, até que ponto nós temos possibilidade de pensar isso para agora, para o futuro? Porque, não sei, **acho muito difícil alguma coisa vital, em termos culturais, que não passe pelo coletivo e pela mobilização coletiva**, como houve nesses três momentos.(Negritos de responsabilidade do palestrante)

Professor JOSÉ MIGUEL WISNIK –.....

Tem momentos em que parece para alguns que a saída para o modelo externo é a salvação. Na verdade, existe quem interprete a solução para o Brasil como uma erradicação mesmo daquele traços particulares, na verdade arcaicos, atrasados, congenialmente atrasados, insolúveis, que teriam de ser erradicados, como se fosse importar alemães e modernizar o Brasil, não sei, seria uma saída, por exemplo, à Roberto Campos, para citar o caso-exemplo tomado pelo Professor Sampaio. Por outro lado, existem aqueles que acham que a saída é se voltar para a originalidade do Brasil, para as raízes do Brasil, para o que é a nossa especificidade e encontrar nelas o elemento, como se fosse assim, nutritivo para um caminho emancipador ou coisa elevada.

O que eu havia falado aqui é que **o nó** está exatamente em que? Essa oscilação recorrente, ou seja, ela sempre volta para nós na forma de **um nó inextricável**, nesse sentido, em que não é possível nem negar o Brasil da formação singular e que não tem vocação propriamente modernizante como disse o Professor Sampaio. É impossível negar esse traço e, por outro lado, é impossível negar a inserção num mundo, dizemos agora, da globalização, mas em suma, da lógica capitalista mundial. E é um país, na verdade, que tem ao mesmo tempo uma vocação moderna. É o que a gente disse aqui de maneira oximórica, isto é, o país tem uma vocação moderna, ao mesmo tempo que não chega a ser moderno e nem pode vir a ser moderno, embora não possa ser outra coisa senão moderno.....

O nosso problema não é só dizer que somos capazes de nos modernizar, nós temos a obrigação de nos modernizar para fazer uma coisa que é

muito maior do que isso. Está claro para mim. O problema não significa, portanto, como encontrar o caminho para a modernização, no Brasil, como se esse fosse o nosso grande desígnio. Essa é uma obrigação que nós temos que fazer, **até por sacanagem**, porque o grande lance é, como se fosse, recivilizar esta civilização, pela ligação que nós temos com uma cultura original do Ocidente; nesse sentido somos ocidentais ao extremo. Nesse sentido, diz o Caetano: "Se ficarmos mais diferentes de nós mesmos, seremos mais brasileiros ainda, porque o desígnio do Ocidente é essa capacidade de negar-se, criando uma outra coisa." (negritos por conta do palestrante)

SAMPAIO – Eu queria insistir, aqui, sobre esta questão de **desatar o nó**, ou de superar essa "basculagem" (eu acho que isto já está entendido, está mais do que claro). Entretanto, os dois pólos são heterogêneos; a formação cultural brasileira, melhor dito, a herança cultural brasileira é um fato; a modernidade é uma outra coisa, de natureza diferente. **O que se tem que contrapor é a formação cultural brasileira e a problemática do sujeito da ciência**. Eu acho que nós estamos insistindo em tomar a modernidade como um paradigma; assim nós não sairemos do mesmo lugar. Isto é que é insistir no nó. Ou seja, a modernidade, para nós, não é paradigma. Acabamos de ver a Professora Ângela falar em modernidade; o que é que ela falou?: "nós precisamos resgatar o coletivo"; pronto, o mesmo discurso do sujeito coletivo como beneficiário da ciência. Nós não conseguimos sair daí, a elite intelectual brasileira insiste ainda no jesuitismo e por aí não tem saída; a saída a esquerda não existe, e a tentativa de saída a direita, nós já vimos, seria desastrosa.

Conselheiro PAULO ANTÔNIO PEREIRA PINTO – Não, as outras que o Professor sugeriu, de fazermos as coisas com o espírito que o Professor mencionou. Enfim, pergunto de se haveria mais alguma questão ou comentário?

SAMPAIO – A maior **molecagem** que podemos fazer é levar este seminário realmente a sério. Será que temos **coragem e/ou estrutura emocional** para tanto?!

ANTERIORES À PALESTRA

Conselheiro PAULO ANTÔNIO PEREIRA PINTO – Para preservar a riqueza do debate, e à luz da metodologia do *workshop*, vamos às considerações do Professor Luiz Sampaio (acerca das três palestras da manhã, proferidas pelos Professores Magno Machado Dias, Ângela Maria Dias e Gilberto de Mello Kujawski).

SAMPAIO – Eu acho que para abordar a questão da cultura brasileira, bastaria organizar um seminário como este, convidar pessoas como nós e deixar que falassem por 1 ou 2 horas, tal como aqui aconteceu. A matéria-prima estaria toda dada pelo dito, suas circunstâncias e cultura dos palestrantes.. Agora seria só enfrentar isso que foi falado porque, certamente, tudo o que foi falado terá sido de uma riqueza muito grande, inclusive cheia de paradoxos, como o Professor Wisnik assinalou, e também de graves omissões. Temos aí a mesma estrutura que governa o maníaco-depressivo; não há maníaco que não seja também depressivo.

A ênfase no paradoxo – em minha opinião – é metade da questão; ficaram vazios enormes, falhas enormes no que foi aqui colocado. Existem ambos, paradoxos e falhas. Acho que tudo foi de uma riqueza que não se encontraria num debate na Sorbonne; de outro lado, as falhas também não apareceriam tão facilmente porque elas lá seriam consensualmente ocultadas. Aqui não, as falhas são gritantes. O desafio é que nós ou o pessoal da SAE enfrente esse tipo de problema. Não estou dizendo que os paradoxos não são importantes; eles o são realmente. Foi dita muita coisa importante; eu poderia pinçar muitas coisas da palestra do Professor Magno, por exemplo; eu ficaria horas só para apontar os pontos positivos das três palestras. A palestra do Professor Kujawski, que eu recebi previamente, está toda anotada com coisas de extrema relevância.

Como é tanta coisa, resolvemos tomar para um exame mais demorado um único exemplo: a questão do haver, na palestra do Professor Magno. Já há algum tempo que eu havia dito: o português é uma das poucas línguas que tem 4 verbos auxiliares; eu não conheço muitas línguas para generalizar a tese, mas o francês e o inglês, que têm 2 verbos auxiliares, para fazer o terceiro, o haver, já têm que fazer

composições: *y avoir* ou *there be*. Eles têm que pegar alguma coisa da ordem do espaço e outra do tempo; ou você faz *y* e *avoir* ou você trabalha com *be*, mas põe *there*,; não põe *here*.

O português tem potencialmente essa coisa importante, esta riqueza dos quatro verbos auxiliares (como veremos, perfeitamente homóloga ao nosso esquema tetrapolar das lógicas). Isso dito para um francês, inglês ou americano o deixa meio perplexo; por exemplo, ele não pode entender bem uma frase como aquela famosa "eu estou ministro, mas não sou ministro". O francês que saiba também português vai ter que fazer bastante esforço para verter isso. Já o comprovei muitas vezes.

O problema está no verbo haver. Exatamente! Se os brasileiros se empenhassem em cuidar do verbo haver e em fixar o seu sentido, já seria um grande passo. Isto porque o verbo haver tem a ver com historicidade, e nós somos extremamente reacionários – principalmente a nossa classe média intelectual, nós mesmos. Vivemos tergiversando em cima do verbo haver. E mais: se "amarrássemos" o verbo haver, iríamos "amarrar"também o verbo ter, que lhe é "sexualmente" suplementar, como irei mostrar à tarde. O nosso ter habitual não é o originário – o ter implícito da psicanálise. O ter que só se aprende depois da perda; enquanto apenas tinha – tinha perna, mas nunca se deu conta disto – o sujeito não sabia o que era verdadeiramente o verbo ter. Agora, quando se perde uma perna e se ganha uma perna mecânica, quando se vier a perde-la, saberá que se está sem algo determinado, no caso, a perna mecânica. O "primeiro ter" é um sem sentido; você só sabe o que é ter depois de perder o que você não sabia que tinha. Este sentido originário ou autêntico do verbo ter vai afinal também aparecer quando se fixar o verbo haver. E ambos, iremos ver, definem o ser feminino o que transmuta nossa problemática naquela de um machismo obtuso.

Se você se compenetrar de que o projeto cultural brasileiro é fixar o verbo haver – é claro que isto é uma brincadeira séria, uma palavra de ordem e não um projeto, mas que capta exatamente a problemática brasileira – você terá compreendido, pelo menos, qual a essência de nossos problemas. Nada, entretanto, irá acontecer enquanto não fixarmos o sentido do verbo haver, ficarmos brincando com o verbo

haver, fugindo do verbo haver; o trabalho do Professor Magno está centrado exatamente nisso; ele mesmo o assinalou, mas não sei se fomos todos capazes de ouvi-lo! Atrás de tudo o que ele disse está esta questão filosófica/antropológica (a propósito, se dermos continuidade a este tipo de pré-ocupação, dentro em breve será possível pensar filosoficamente não só em alemão, mas também em português). Por isso, para começar, estamos obrigados a fazer algumas observações críticas sobre a maneira de como a questão do verbo ser foi colocada. Quando o Professor Magno diz: "o haver há e o não-haver não há", a meu juízo, está repetindo "o ser é e o não- ser não é". Eu sei muito bem que o Professor Magno não está intencionalmente repetindo, mas para que isto pudesse ficar suficientemente claro, a rigor, ele não poderia falar nada de negativo. O verbo haver, para ficar caracterizado como ele quer, aliás, com toda razão, exigiria que se dissesse: o haver há e calar, fazer um silêncio, e nós teríamos que "ouvir" este silêncio, porque se ele dissesse que "o não-haver não há" estaria repetindo a mesma estrutura de "o ser é e o não-ser não é", do velho Parmênides. Vejam bem: estou pegando uma palavra de toda a magnífica exposição do Professor Magno para com apenas isto ratificar a minha tese sobre a imensa riqueza do que aqui já foi dito.

Coisa semelhante ocorria com a exposição da Professora Ângela Dias, que tem uma grande riqueza de informações; destacaria a questão da articulação da cultura com a educação. Não adianta fazer uma educação puramente para o trabalho, uma educação politécnica; tem que se fazer também uma educação com base cultural, com lastro cultural, "telúrica". É um absurdo esse tipo de educação vigente no país. Teria ainda mil coisas a destacar e elogiar na palestra. Há, porém, um ponto terrível na sua palestra referente à deterioração da educação. Ela só é inteligível se fizermos a passagem do esquema dicotômico para o esquema tricotômico da Sociedade. Tem-se que abandonar o Manifesto Comunista de Marx. O modo de produção capitalista é o primeiro que é necessariamente tricotômico. Tínhamos os donos da terra e os camponeses; ou os donos dos escravos e os escravos; você podia dividir, assim, em dois, até o advento do capitalismo. A questão de especifidade deste modo de produção não está em que alguém se apropria do excedente – sempre houve quem dele se apropriasse – nem está na sua quantidade, que já foi, em certos momentos da história, até maior do

que é hoje. Isto quer dizer que não foi a magnitude da taxa de acumulação ou o tamanho da mais valia que determinou nascimento da modernidade; a sua especificidade está em se pegar o excedente e jogá-lo de volta na produção – não jogar num circuito de prestígio, não fazer pirâmides –, foi transformá-lo em bens de produção. Isso criou um problema, porque tal só é viável se se aumentar a produtividade, se se fizer uma permanente injeção de produtividade na economia. Caso contrário ter-se-ia um empobrecimento crescente como Marx viu muito bem. Não tenho tempo aqui para explicá-lo em detalhes, mas trata-se apenas de uma questão puramente algébrica elementar). Então tem que haver um terceiro, uma terceira classe, que é responsável pela preservação e ampliação do nível de produtividade – a classe média.

Num país dependente como o Brasil, que resolve comprar tecnologia, para quê classe média? Ela só existe para o consumo. Ela não tem papel na produção. Toma-se uma atitude extremamente anti-marxista ao definir-se a classe média pelo que ela consome, entre o caviar e a rapadura. Ela tem de ser definida pelo lado da produção. O papel da classe média é atuar para que haja aumento de produtividade, ela trabalha em cima do trabalho. Se se vai "importar tecnologia" (o que aliás, poderíamos demonstrar, é uma impossibilidade lógica) não se irá precisar de classe média. E é isso que está acontecendo hoje no Brasil. Tínhamos uma grande classe média para um país que se escolheu dependente e um dia o blefe da classe média teria que aparecer. Ela surgiu daquela histórica marginalidade brasileira (veja-se Darcy Ribeiro), através do Estado-Novo que montou esquemas de educação etc., e essa classe média foi crescendo e aumentando o seu poder político (corporativismo), mas não foi assumindo o papel que tinha de assumir, ou seja, continuou mantendo o País em estado de grande dependência tecnológica; pior, tecnológica e cultural (enchendo os aviões com destino à *Disneyland com* os proventos das aposentadorias dos avós, para dar um simples mal exemplo). Ela não assumiu seu papel. Quando ela ampliou bem o seu poder, ela mesma destruiu o Sistema Educacional que a gerou. Quem fez a destruição não foi a classe dominante; não interessa para as empresas multinacionais mal educar o povo e, por conseqüência, manterum péssimo perfil de distribuição de renda. Esta, aliás, é uma disputa entre a classe média e as que lhe estão abaixo, onde o capitalista entra muito pouco. Interessa às multinacionais é

vender um carro para todo mundo e não 3 ou 4 para uma pessoa dentro de um pequeno grupo. Quem destruiu o Sistema Educacional Público foi a classe média, mais especificamente, sua vanguarda intelectual muitas vezes fantasiada de esquerda. Destruiu a escada pela qual ela própria subira e colocou os filhos na escola particular.

Se não se introduzir essa tricotomia mínima (claro que a sociedade é muito mais complexa), não poderemos entender nada. O mínimo é três, não dois, como está, infelizmente, reiteradamente implícito em todas as considerações e análises que aqui foram feitas. É óbvio que quem está falando não quer entrar na discussão! Eu já ouvi, muitas vezes, o discurso de que o Sistema Educacional Público foi destruído, e o Sistema de Saúde foi destruído dando-se a entender que o foi por "forças ocultas". Foi destruído, sim, pela classe média; não nego que com auxílio de alguns interesses empresariais do "ramo" educacional.. E para quê? Para não deixar o resto da "marginalidade" subir. Subiu-se na escada e agora não se quer que o filho da empregada ou do porteiro suba e venha futuramente fazer concorrência aos seus filhos; esse é que é o problema. O segredo do poder desmesurado do atual governo está precisamente em ter desvelado o blefe da classe média.

A palestra do Professor Kujawski tem também as mesmas altas virtudes e coisas que não foram faladas, os vazios que infelizmente não tenho mais tempo para comentar.

Em conclusão, tudo que é importante já foi dito; se soubermos e se quisermos de fato ouvir. Acho que o problema da SAE agora é conseguir deveras ouvir o que foi dito. Não precisaria nem das três outras palestras, incluída aí a minha, que só irão reforçar esse quadro de palestras tipicamente brasileiras que tivemos até aqui.

Conselheiro PAULO ANTÔNIO PEREIRA PINTO – De acordo com o comentário do Professor, havia a felicidade e não sabíamos. Enfim, a questão do "haver" é marcante. Seguindo o passo, eu peço a cada um dos expositores, começando com o Professor Magno, que façam eventuais considerações complementares, a respeito do que foi dito pelos Professores Wisnik e Sampaio.

.....

Professora ÂNGELA MARIA DIAS – .....

Para terminar, a respeito de que as classes médias destruíram a escola. Quando o Professor Sampaio estava falando, me lembrei de um artigo do Francisco de Oliveira a respeito do ventriloquismo das classes médias durante a época da ditadura, anos 70 e anos 80. Ele diz que a grande moral, a grande hegemonia política era a política das classes médias, a ideologia das classes médias, a ética das classes médias, e que as classes médias eram ventríloquas na aliança entre militares e tecnocratas. O ventriloquismo delas existia enquanto elas falavam pelo Estado, porque elas eram os tecno-burocratas, por outro lado elas falavam pela sociedade porque elas alimentavam a cultura de oposição, que foi bastante dinâmica, no início da abertura, a partir de 1974. Então, as classes médias estavam na cultura de oposição e, ao mesmo tempo, falavam pelo Estado, porque tripulavam esse Estado, habitavam nesse Estado.

Nesse sentido, se for por aí, eu até entendo que as classes médias tenham destruído a escola. Nesse sentido do ventriloquismo das classes médias. Porque, na realidade, esse *status quo* é decorrência de uma série de fatores, de uma série de políticas mal enjambradas, uma série de políticas equivocadas e, sobretudo, de falta de prioridade mesmo. E de falta de inteligência estratégia, se a gente quiser levar por aí.

.....

Professora ÂNGELA MARIA DIAS – .....

Quanto à segunda questão, em primeiro lugar a globalização, e a cultura globalizada, é antes de mais nada a cultura norte-americana. A grande cultura globalizada é norte-americana. E a Europa tenta se defender do jeito que pode; a França vive esperneando porque eles têm aquela tradição chauvinista toda. E a cultura norte-americana globalizada não precisa ser um "bicho-papão", dentro da lógica do Professor Magno, se você souber lidar com um, dois ou três traços disso. Por exemplo, não é por meu filho gostar do *McDonald's* que vou ficar escandalizada (só não pode é gostar só de *McDonald's*). E

aí para gostar do *McDonald's* e alguma coisa que não seja o *McDonald's*, que tenha uma inscrição na nossa memória coletiva, na nossa tradição cultural, nas nossas dinâmicas de sociabilidade internas e nacionais, aí a educação tem que entrar. É aquilo que eu falei aqui e acredito nisso: ou você usa a inteligência estratégica de reformular o Sistema Educacional de tal forma que ele seja cultivado mesmo, ou seja, que ele aposte na formação do cidadão ou então é muito difícil! Qual será a nossa capacidade de resistência a essa avalanche? Ela fica bastante reduzida. Então, acho que é uma questão de prioridade política, porque fala-se muito em ensino básico, desde os anos 80 que não se fala em outra coisa. Prioridade ao ensino básico. Cadê?

.....

Agora, o imaginário social do jeito que estão as coisas, num mundo globalizado .... Por exemplo, o Professor Gilberto falou algo muito interessante, quando referiu-se ao Império Romano, que embora ele dominasse uma extensão de terra enorme, e fosse poderosíssimo em termos de instrumentos de controle, havia culturas regionais. Havia, até, línguas e religiões regionais e eles, os romanos, tinham esse hábito de, assim que tomavam a terra, saudavam a terra com os hábitos religiosos e com os deuses daquelas pessoas que lá estavam, os nativos. Até que ponto esse enraizamento relativo pode ser mantido num mundo globalizado? Porque não havia comunicação de massa naquela época, não havia a chamada "aldeia global". Eu não sei até que ponto o enraizamento cultural, a possibilidade da resistência cultural a esse mundo norte-americanizado se dá naturalmente.

SAMPAIO – Gostaria de fazer uma observação, já que estamos todos tomando o processo de romanização do mundo como tendo algum paralelo com a globalização atual. Todo mundo, aliás, está fazendo isto. Acho isto até bom. Só que na romanização do mundo, o que estava sendo romanizado? Não era Roma, e sim a Grécia. Há uma distinção na sociologia alemã – que eu acho que tem seus limites – entre cultura e civilização. Grego é cultura, que é particular, e, depois, outrem a universaliza. A romanização é helenização, a segunda helenização. Aconteceu uma, macedônica, e uma outra, mais eficiente e durável, a romana, assim como estão se sucedendo imperialismo e globalização.

Isso é uma questão muito complicada. Estou apenas chamando a atenção de que se precisa especificar: globalização do quê? Foi a Professora Ângela que falou: "globalização da cultura americana" e eu estou chamando atenção que não se trata da cultura americana nos termos mencionados; seria a civilização americana ou civilização científica; vale dizer, de uma cultura, de alguma coisa que foi cultura; o americano está fazendo uma romanização, uma universalização. Roma não pegou toda a riqueza da cultura grega. Pegou apenas aquilo que se estava estereotipando ou apenas funcionalizando; foi isto que levou para o mundo todo, mas que já perdera toda aquela impureza e vigor do que é criativo. A mesma diferença entre um bom professor de física e Newton. Newton é muito importante, mas tinha um baú cheio de coisas de esoterismo, de cabala e outras desse tipo. O professor de física não tem o tal baú; ele tem a cabeça arrumada direitinho; por outrem, evidentemente!

Nós temos, então, que examinar um pouco melhor essa globalização porque ela não é a da cultura americana. A ação americana é de horizontalização. O paralelo é com a ciência, que seria algo mais inglês, europeu do que americano. Francis Bacon tinha uma visão exata de tudo que o que ia acontecer, ele disse no que seu país tinha que investir – ciência/tecnologia. Os americanos, com o *McDonald's*, só estão espalhando *bacon* pelo universo inteiro.

Professora ÂNGELA MARIA DIAS – Quando eu falei cultura americana, deixe-me explicar, eu usei o sintagma como se usa mesmo: *the american way of life*. Não quis dar um significado crítico à expressão. Usei a expressão "cultura americana" da forma mais horizontal possível. Cultura mediática norte-americana dos anos 50 para cá, cultura de mercado.

SAMPAIO – Mas por trás de Roma está uma outra coisa e por trás da americanização também está outra coisa. Você [Professora Ângela] chamou muito bem a atenção para isso: que não havia globalização sem qualificação. Você ter chamado a atenção para isso foi de grande importância. A globalização é globalização de uma particularidade. É um processo horizontalizador de alguma coisa em profundidade que não é americana. No caso presente é a

horizontalização da ciência na sua forma já estereotipada, ou seja, informatizada.

Conselheiro PAULO ANTÔNIO PEREIRA PINTO – Convém lembrar que a palavra popularizada *McDonald's* é de origem escocesa. Vamos fazer um intervalo para o almobço e estaremos de volta às 14:30 h.